

entrevista

UM OLHAR SOBRE A UNIVERSIDADE BRASILEIRA: ENTREVISTA COM O PROFESSOR FAUSTINO ONCINA COVES

Giorgia Cecchinato¹

G: Faustino, o seu artigo começou apontando o caráter de inatualidade do modelo humboldtiano de universidade e, ao longo dele, confirma a necessidade, para as humanidades, de permanecer no anacronismo, resistindo às tendências de transformar a universidade numa imprensa e os estudantes em clientes. Além do deslocamento temporal, você acha que este modelo continua válido também se deslocado para as universidades da América Latina, em particular no Brasil, país que teve uma história e um desenvolvimento tão diferente do da Alemanha e dos demais países europeus?

F: Sem dúvida o modelo humboldtiano, assim como ele foi criado e realizado em 1810, quando a Universidade de Berlim nasceu, não é mais atual, nem realizável literalmente. Estamos falando de um modelo de universidade que era extremamente elitista, enquanto a universidade de hoje, na Europa e, pelo menos, nos últimos anos no Brasil, é uma universidade de “massa”, ela não é exclusiva, mas pelo contrário quer ser inclusiva e democrática.

Há, porém, alguns elementos do espírito do modelo humboldtiano que têm, ainda hoje, uma atualidade incontestável e que, a meu ver, devem ser mantidos no mundo inteiro onde há universidades. Porém justamente estes elementos estão sendo questionados pelo processo de Bolonha na Europa e, na América latina, pela exigência de uma universidade supostamente mais barata. Um destes elementos é a unidade de pesquisa e ensino, atualmente a tendência é organizar os cursos segundo programas muito rígidos, conteúdos pré-estabelecidos, o que faz com que seja impossível, ou pelo menos difícil para o professor, ensinar o que está pesquisando naquele momento. A pesquisa pode ser ainda não concluída e os alunos podem, de qualquer modo, participar

¹ Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais.

do desenvolvimento dela e não apenas aprender com os resultados prontos. Esta possibilidade de envolver os alunos na pesquisa, trabalhando nela até na sala de aula permite que a paixão permaneça viva. A paixão pela pesquisa deve perpassar no ensino e pode perpassar apenas se o que está sendo lecionado é o que apaixona o professor. A paixão é muito importante para todas as disciplinas, mas pela filosofia em modo particular, porque os estudantes aprendem a investigar, a filosofar, apenas filosofando e não aprendendo conteúdos prontos, repetindo e reproduzindo pensamentos e teorias. Este modelo até pouco tempo atrás era o mais comum na Alemanha, onde as aulas expositivas eram poucas enquanto os seminários, nos quais os alunos se preparavam para explicar textos e ser críticos, eram a maioria. Este elemento do modelo humboldtiano deveria continuar valendo na Alemanha, na Europa e em todo lugar onde há universidade.

Lamentavelmente, a universidade de hoje está se escolarizando e esta infantilização contradiz e se choca com a demanda não apenas humboldtiana, mas também com todos os idealistas alemães sem exceção, segundo a qual o ingresso no ensino superior deve considerar o hiato, a cesura vital e acadêmica a partir da qual os estudantes aprendem a enfrentar os desafios intelectuais com autonomia e responsabilidade, evitando qualquer conformismo e paternalismo.

G: Qual é a sua opinião acerca do crescimento da universidade brasileira na última década?

F: O meu conhecimento da situação da universidade brasileira é um conhecimento indireto, ou seja, encontrei e conheço de perto muitos pesquisadores brasileiros ou estrangeiros que trabalham no Brasil, mas não tenho informações sobre dados oficiais ou estatísticas. A partir deste ponto vista indireto, posso afirmar que o que me parece extremamente positivo é a abertura das universidades brasileiras para professores e pesquisadores do exterior. Digo isso porque tenho experiência de como pode ser ruim a endogamia da universidade, pois na Espanha o caráter endógamo, fechado das universidades se tornou um “câncer” que favoreceu o provincialismo. Parece-me que este elemento das universidades brasileiras favorece a troca de informações e métodos de trabalho e só pode ser positiva. Do mesmo modo, tive ocasião de conhecer muitos

pesquisadores brasileiros na Alemanha e fiquei impressionado pelo investimento deste país na pesquisa e em programas de intercâmbio e mobilidade internacional que permitiram difundir a pesquisa brasileira e enriquece-la.

Um aspecto que se destaca é o esforço das universidades brasileiras para oferecer uma diversidade de perspectivas filosóficas. Sem dúvida, a especialização é produtiva, mas é importante não privar os estudantes de um panorama filosófico o mais amplo e preciso possível.

Outro elemento que sempre me maravilha é a grande quantidade de universidades no Brasil; é evidente que entre elas há diferenças enormes de qualidade. Eu, pessoalmente, sou partidário acérrimo da universidade pública e, neste momento de crise, que é uma crise mundial, auspico que a universidade pública não se torne uma cinderela dos programas de governo e que, no Brasil, não falte apoio a esta instituição.

G: No seu artigo, você tem uma postura bastante negativa em relação à possibilidade e necessidade de avaliar a produção intelectual. Você acha que existe um método ou uma possibilidade de conseguir uma avaliação que não seja injusta, parcial ou totalmente inútil?

F: Na Espanha temos, por sorte ou azar, uma longa tradição de avaliações. O risco, o qual me parece muito alto, é de que as avaliações se convertam em fins em si mesmos, enquanto deveriam ser um meio para melhorar. Hoje avalia-se tudo e de maneira contínua, isso implica uma hipertrofia da burocracia que afinal desvia as energias e a atenção que deveriam ser investidas no que é mais importante, ou seja a pesquisa e o ensino. Apesar disso, não sou contrário às avaliações, mesmo não sendo fácil, na área das Humanas, encontrar o modo idôneo e parâmetros objetivos. Na Espanha, temos tentado vários métodos de avaliação com resultados desastrosos, pois foram feitas grandes injustiças, dou um exemplo: na Espanha, a maioria das agências de avaliação são “dominadas” por lógicos e filósofos analíticos, filósofos das ciências. Trata-se de correntes filosóficas respeitabilíssimas, porém não se pode avaliar a área da história da filosofia, por exemplo, ou outras áreas da filosofia, com os mesmos métodos e critérios usados na filosofia analítica ou na lógica. Isso porque aquelas não têm os mesmos

órgãos de difusão, as mesmas bases de dados nem sequer a mesma linguagem. Explico-me melhor: o instrumento de trabalho dos analíticos é o *paper* enquanto um dos trabalhos mais importante para o histórico da filosofia seria uma edição crítica, tarefa que hoje em dia tornou-se marginalizada e desprezada pelas comissões de avaliadores. Além disso, a área de lógica e filosofia analítica comunica-se, prevalentemente, em língua inglesa enquanto as mais prestigiosas revistas de história da filosofia são de língua francesa, italiana ou alemã, sem esquecer as espanholas e portuguesas. Um grande déficit da valorização da investigação decorre de colocar acima da qualidade a quantidade, ou seja, os denominados índices de qualidade ou de impacto não são outra coisa que meros índices de quantidade.

Por isso, acho que as comissões de avaliação deveriam se mistas e cada corrente filosófica deveria ser representada; assim como me parece necessário que sempre haja colaboração de membros estrangeiros a fim de evitar aquele “câncer” que mencionei antes. Por outro lado, considero igualmente importante a valorização da docência universitária, na qual o protagonismo principal (embora não o único) deve recair sobre o juízo ponderado dos estudantes. A minha experiência neste âmbito é bastante esperançosa.

De todo modo, trata-se de uma tarefa complicada e, mesmo não conseguindo achar o método certo pelas avaliações, pelo menos devem ser evitadas injustiças.